



## Trabalhos arqueológicos e estudo paleoantropológico respeitantes à empreitada de “Construção/conservação de passeios e calçadas por empreitada”, União das Freguesias de Coimbra - (PASSEIOS.16)

Raquel Santos<sup>1</sup>

Carmen Pereira<sup>2</sup>

O presente documento refere-se ao cômputo dos trabalhos arqueológicos e estudo paleoantropológico, respeitantes à empreitada acima referida, que decorreu em várias artérias da cidade pertencentes à União de Freguesias de Coimbra.

Estes trabalhos enquadram-se na lei de bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, n.º 107/2001, de 8 de setembro; no regulamento de trabalhos arqueológicos publicado através do decreto-lei n.º 164/2014, de 4 de novembro; na circular n.º 1/2014, de 11 março – “trabalhos de antropologia biológica em contexto arqueológico”, e no regulamento municipal de urbanização e edificação, taxas e compensações urbanísticas de Coimbra (carta de sítios com potencial arqueológico - anexo II do RMUE).

Administrativamente as áreas de intervenção integram-se na União das Freguesias de Coimbra: Sé Nova, Santa Cruz, Almedina e São Bartolomeu, no concelho de Coimbra, integrados na folha n.º 241 da carta militar de Portugal, à escala 1:25.000, editada pelos Serviços Cartográficos do Exército em 1999. Encontra-se ainda abrangida pela área protegida na planta de ordenamento – “sítios com potencial arqueológico e outros bens imóveis de interesse patrimonial” do PDM deste Município, em vigor.

O cruzamento da via fluvial com os eixos terrestres da estrada que ligava *Olissipo a Bracara Augusta*, que se entrecruzava com a estrada romana para Bobadela (Mantas, 1992), foi fator fundamental para o estabelecimento das relações comerciais e culturais desde a antiguidade (Petiz, 2002). A zona ribeirinha e toda a Baixa sofreram sucessivos alteamentos, devido ao constante assoreamento do rio Mondego.

A intervenção teve como objetivo primordial, a avaliação e registo dos contextos arqueopatrimoniais, identificação do seu valor patrimonial, eventual integração desses elementos no projeto, e implementação de medidas de proteção e salvaguarda consideradas necessárias. Uma vez que a intervenção previa a abertura de valas de locais muito diversificados, atribui-se o acrónimo genérico de **PASSEIOS.16**, que se subdividiu nos trabalhos realizados na Av.<sup>a</sup> Emídio Navarro, utilizando-se o sub-acrónimo **EN.16**, a fim de identificar o único local de identificação e recolha de espólio.

---

<sup>1</sup> Arqueóloga da Câmara Municipal de Coimbra.

<sup>2</sup> Antropóloga da Câmara Municipal de Coimbra.



### Avenida Emídio Navarro

Do ponto de vista geomorfológico a área de intervenção situa-se na margem direita do rio Mondego, no sopé da colina da urbe de Coimbra, onde se implantou e desenvolveu a cidade. A cota de circulação atual prende-se com os diversos aterros que foram colocados sobretudo após a aquisição dos terrenos no final do século XIX e início do século XX<sup>3</sup>. Desta forma, a zona ribeirinha sofreu sucessivos alteamentos devido ao constante assoreamento do rio Mondego. No final do século XIX a Câmara Municipal de Coimbra compra os terrenos da Ínsua dos Bentos, para aí implantar um jardim público e uma avenida. A Av.<sup>a</sup> Emídio Navarro, conhecida também como Estrada da Beira, corresponde à projetada no final do século XIX, entre o Porto dos Bentos e a Estação Nova.

A avenida é formada por dois segmentos distintos, separados pelo Largo da Portagem e Ponte de Santa Clara, situadas sensivelmente a meio do seu percurso. No segmento localizado a sul da ponte, entre a Av.<sup>a</sup> e o rio Mondego, encontra-se o jardim público característico do início do século XX, da autoria do Eng. Jorge Lucena e do Paisagista Jacintho Mattos, designado por Parque Dr. Manuel Braga, comumente conhecido como Parque da Cidade. Na primeira década do século XX, no eixo poente da Av.<sup>a</sup> foi construída a via-férrea da linha da Lousã, que lhe definiu o aspeto planimétrico atual (Loureiro, 1964).

Os trabalhos de afetação do subsolo realizaram-se no passeio do lado sudeste desta avenida.



Fig. 1 – Início da vala - lado norte



Fig. 2 – *Terminus* da vala - lado sul

Com vista à instalação de cabos elétricos e de semaforização, ao longo do passeio, junto ao jardim do Parque Manuel Braga, foram abertos 400m de vala, com cerca de 40cm de largura e 80 cm de profundidade

<sup>3</sup> Concluídos em 1909 (Loureiro, 1964).



(figs. 1 e 2). Por vezes houve necessidade de deslocar a vala devido a infraestruturas preexistentes, não tendo, por isso uma forma retilínea conforme inicialmente projetado. A vala foi maioritariamente aberta com recurso a meios mecânicos, em troços de cerca de 50m, para colocação da tubagem e fecho da mesma, no prazo mais curto possível. Caracteriza-se por sedimentos de aterros, posteriormente revolvidos para a instalação de infraestruturas preexistentes e removidas durante esta empreitada, onde prevaleciam os sedimentos arenosos, e bolsas de terra vegetal. Estas estariam relacionadas com a plantação de antigos arbustos, que garantiam a vedação do jardim até final do século XX, e ainda de árvores de grande porte.

No decorrer da abertura da vala foram encontrados fragmentos de espólio arqueológico, juntamente com material osteológico, dispersos e em terras de enchimento, concentrados em 3 núcleos distintos (n=37 no total). Os fragmentos da cerâmica doméstica registaram-se ao longo da vala, com maior concentração nos 3 núcleos, associados simultaneamente a terra mais escura e com mistura de cinza, carvões, cerâmica de índole doméstico, de produção e de construção, adornos, higiene pessoal, fauna malacológica e material osteológico humano.



Fig. 3 – Área do núcleo 1



Fig. 4 – Área do núcleo 2



Fig. 5 – Área do núcleo 3

O **núcleo 1** foi detetado frente às antigas pastelaria Pistrina e garagem da Citroën (fig. 3). Com sedimentos de cor castanha escura compostos por cinzas e carvões que continham artefactos arqueológicos misturados com material osteológico humano e fauna malacológica (figs. 6 e 7).

Registou-se espólio arqueológico de cronologia moderna, nomeadamente fragmentos de azulejo de fabrico artesanal de pasta branca vidrada, com decoração monocromática em diferentes tons de azul que representam motivos vegetalistas; bordo de taça em chacota, bordo de prato e fundo em faiança de pasta branca vidrada, decorado na aba com motivos geométricos de cor azul e uma barra cinzenta a contornar o

bordo; fundo de taça com pé anelar em faiança de pasta rosada, vidrada, decorada com dois anéis paralelos concêntricos, na área de transição entre o fundo e o bordo, e uma trempe/cachorro de chacota.

O **núcleo 2** registou-se sensivelmente a meio da vala, alinhado frontalmente com o n.º 59 (fig. 4). Com sedimentos de cor castanha escura compostos por cinzas e carvões com concentração de materiais arqueológico e osteológico revolvidos, nomeadamente fragmentos de tijolo de burro, cerâmica doméstica, trempe de cozedura de louça e pente/travessa de cabelo (fig. 6 e 8).

O **núcleo 3** registou-se dois metros a sul do núcleo 2, junto à caixa de águas pluviais pré-existente, alinhado frontalmente com o n.º 61 (fig. 5). Tal como os anteriores, onde apresenta sedimentos de cor castanha escura misturada com cinzas e carvões. Recolheram-se artefactos arqueológicos de diversas tipologias e de várias épocas, destacando-se neste núcleo os adornos de fio metálico, a escama de peixe trabalhada (fig. 6), e o material osteológico (fig. 9).



**Fig. 6** - Conjunto do espólio arqueológico recolhido na vala da Av.ª Emídio Navarro.

Constata-se que as terras são resultado de aterros consecutivos das movimentações e transferências de terras entre os diversos espaços intervencionados na cidade que permitiram, eventualmente, que os contextos arqueopatrimoniais tivessem sido deslocados do seu espaço original e se encontrem dispersos por outros espaços da cidade, principalmente nos locais onde foi necessário colmatar a falta de terras. Esta situação será a mais provável para a fundamentação da presença do espólio arqueológico e osteológico revolvido.

A **análise paleoantropológica dos ossos**, recolhidos no decorrer da abertura da vala na Avenida Emídio Navarro, surge na sequência da informação e recolha efetuada pela arqueóloga Raquel Santos e entregue à antropóloga Carmen Pereira, para tratamento, inventariação e obtenção de resultados possíveis, para integração do relatório arqueológico.

A descrição de cada peça osteológica desenvolveu-se com base na análise macroscópica, com descrição integral da peça osteológica registando dados relativos à tafonomia, preservação, paleodemografia – com a estimativa da idade à morte, diagnose sexual, a interpretação do número mínimo e máximo de indivíduos

(nmi e NMI) presente na amostra, estudo morfológico com a presença de caracteres discretos e dados paleopatológicos com registo de presença de fatores de doenças articulares e não articulares.

O **núcleo 1** revelou uma amostra de material osteológico humano composta por  $\frac{1}{2}$  proximal de cúbito direito e a presença de um osso de fauna (fig. 7).



**Fig. 7** - Amostra osteológica humana e não humana (osso em posição inferior na imagem), recolhida nos trabalhos de acompanhamento de abertura de vala frente à pastelaria Pristina, Núcleo 1, E.N.16 N.1 R.1 (Foto de Carmen Pereira, 2017).

O **núcleo 2** revelou uma amostra de material osteológico humano composta por seis ossos, e a presença de um osso de fauna (fig. 8).



**Fig. 8** - Amostra osteológica humana e não humana (osso na posição lateral direita) recolhida nos trabalhos de acompanhamento de abertura de vala frente aos imóveis 59-60, Núcleo 2, E.N.16 N.2 R.y (Foto de Carmen Pereira, 2017).

Esta amostra revelou um estado de preservação bom, ressaltando-se no campo da tafonomia a presença de manchas verdes numa costela esquerda (O.1) inferindo-se um possível contacto com peça em bronze (Nawrocki, 1995).

No campo da paleodemografia a estimativa da idade à morte, a diagnose sexual e o cálculo do número mínimo de indivíduos foram possíveis de inferir. O método utilizado nesta amostra, para a estimativa da idade à morte consistiu no método de observação da união epifisiária desenvolvido por Ferembach e colaboradores (1980) para a distinção entre adulto e não adulto e foi possível determinar a presença de um osso de não adulto, nomeadamente o O.1. A diagnose sexual foi possível inferir num caso, ou seja, com

base na análise métrica, O.5, talus esquerdo, com um comprimento de 52,63mm, onde foi possível estimar que o indivíduo a quem pertenceria o talus seria do sexo masculino (Silva, 1995).

Para o cálculo do número mínimo e máximo de indivíduos desta amostra, apesar de muito reduzida, foi utilizado o método de Ubelaker (1974) que permite contabilizar a presença de ossos por tipologias, exceto os ossos longos que seguem o método de Herrmann e colaboradores (1990), que permite contabilizar os ossos longos, entre os inteiros e fragmentos de regiões ósseas anatomicamente identificáveis. Assim, para esta amostra infere-se a presença de 1 indivíduo não adulto no mínimo (nmi) e no máximo (NMI), e que no mínimo (nmi) existirá 1 indivíduo adulto, caso os ossos pertençam ao mesmo indivíduo e no máximo (NMI) podemos inferir a presença de 4 indivíduos adultos, baseado no facto dos ossos pertencerem a indivíduos diferentes.

O estudo destes ossos permitiu ainda registar, no âmbito da análise morfológica, a presença de carácter discreto com superfície talar dupla (Finnegan, 1978) no talus esquerdo, O.5.

O **núcleo 3** revelou uma amostra de material osteológico humano composta por trinta ossos (fig. 9) e a presença de um osso de fauna.



**Fig. 9** - Amostra osteológica humana recolhida nos trabalhos de acompanhamento de abertura de vala frente à cervejaria, Núcleo 3, E.N.16 N.3 R.y (Foto de Carmen Pereira, 2017).

Relativamente ao estado de preservação o estado geral de preservação deste material osteológico caracteriza-se como má, pois os ossos inteiros refletem apenas 36,7% da amostra. Nesta amostra ressalva-se também, do ponto de vista tafonómico, a presença de manchas verdes no fragmento de mandíbula (O.2) inferindo-se também um possível contacto com bronze (Nawrocki, 1995).

No campo da paleodemografia a estimativa da idade à morte e o cálculo do número mínimo de indivíduos foram possíveis de inferir. O método utilizado nesta amostra total, seguiu o método de observação da união epifisiária desenvolvido por Ferembach e colaboradores (1980) para a distinção entre adulto e não adulto, e a interpretação dos dados obtidos através das medidas de comprimento e a análise das tabelas apresentadas para o efeito, pelos investigadores devidamente identificados.



Assim, foi possível inferir a presença de ossos de não adulto, em 11 casos, com idades à morte estimadas em um caso (O. 12) com 1 ano (Scheuer e Black, 2000: 56); dois casos (O. 11 e 19) com mais de 1 ano (Scheuer e Black, 2000: 56 e Scheuer e Black, 2000: 356, respetivamente); dois casos (O. 6 e 7) com menos de 3 anos (*Adapt. Odira et al., 1991 in Scheuer e Black, 2000: 340*); e um caso (O. 8) com idade compreendida entre os 10-12 anos (*Adapt. Odira et al., 1991 in Scheuer e Black, 2000: 340*). Assim, do cômputo destes dados da estimativa da idade à morte, verifica-se um intervalo de idades de 1 ano até aos 10-12 anos.

Para o cálculo do número mínimo de indivíduos não adultos foram utilizados os mesmos métodos enunciados anteriormente, inferindo-se a presença de 1 indivíduo não adulto no mínimo (nmi) e no máximo (NMI), baseado na identificação do único osso longo identificado de não adulto, O. 5 (Herrmann *et. al.*, 1990). Contudo, através do método de Ubelaker (1974) podemos inferir, baseado na hipótese de todos os ossos pertencerem ao mesmo indivíduo, visto que não existem dois ossos da mesma tipologia e/ou de lateralidades diferentes que impliquem a contagem dos indivíduos, a presença de pelo menos 4 indivíduos não adultos, O. 5, O. 6, O. 7 e O. 8. Estes dados corroboram o fator da idade, com quatro idades diferentes, ou seja, um indivíduo de 1 ano de idade, um indivíduo com mais de 1 ano, um indivíduo com menos de 3 anos, e um indivíduo com cerca de 10/12 anos de idade.

Para o cálculo do número mínimo e máximo de indivíduos adultos foram também utilizados os mesmos métodos. Assim, segundo o método de Herrmann e colaboradores (1990) infere-se a presença de 1 indivíduo adulto no mínimo (nmi) e no máximo (NMI), baseado na identificação do único osso longo identificado de adulto, O. 21. Contudo, através do método de Ubelaker (1974) existirá um número mínimo (nmi) de indivíduos de 3 com base nas falanges proximais da mão os ossos n.ºs 25, 26 e 27, e no máximo (NMI) podemos inferir a presença de 10 indivíduos, baseado no facto dos ossos pertencerem a indivíduos diferentes.

No âmbito das paleopatologias ressalva-se a presença de patologia articular com presença de labiação de grau 1 nas facetas articulares (Crubézy, Morlock e Zammit, 1985) nos ossos n.ºs 17 e 18, e patologia não articular com a presença de espigas laminares de grau 1 (Crubézy, 1988) no osso n.º 18.

Do ponto de vista arqueológico ressalva-se a presença e recolha de dois elementos de adorno nesta vala, nomeadamente fio metálico e escama de peixe trabalhada (fig.6).

Relativamente à amostra destes três núcleos, independentemente de ser de pequena quantidade, consideram-se relevantes os dados obtidos através da análise do material osteológico humano. A reduzida amostra revelou alguns dados significativos no campo do estudo paleoantropológico que contribuem significativamente para estudos posteriores a desenvolver nesta zona. A preservação, conservação,



investigação e integração do património nos projetos é sempre uma mais-valia do ponto de vista cultural para o espaço a intervir.

### Rua Oliveira Matos

A Rua Oliveira Matos designada por deliberação em 1903, em homenagem ao deputado José Maria de Oliveira Matos, situa-se entre a Praça da República (designada por Praça D. Luís até 1910), a Rua Venâncio Rodrigues e a Rua Castro Matoso, face à parte inferior das Escadas Monumentais, que coincidem com as antigas Escadas do Liceu<sup>4</sup>.

Inicialmente designada por Rua n.º 3 do Bairro de Santa Cruz, fazia a ligação entre a então Praça D. Luís e a Ladeira do Castelo, a partir de 1889 passou a designar-se como Rua da Escola Industrial, em função da intenção da construção da dita escola na sua esquina nascente, que nunca foi concretizada (Loureiro, 1964).



Fig. s 10 a 12 – Valas no passeio da Rua Oliveira Matos.

<sup>4</sup> As escadas do Liceu davam acesso ao antigo Liceu D. João III, que funcionou nas instalações do antigo Colégio de S. Bento, atual Instituto de Antropologia. Do lado poente existia ainda a Rua de Entre-Muros, entretanto suprimida e parcialmente integrada pela Rua Padre António Vieira.



Os trabalhos desenvolvidos registaram a afetação do subsolo com a abertura de vala com vista à instalação de cabodutos de eletricidade e comunicações executadas apenas no passeio do lado sul da Rua Oliveira Matos, com cerca de 1m de largura por 1m de profundidade.

À cota de afetação, por entre a estratigrafia homogénea de unidades superficiais de areão calibrado e demais unidades de saibro compacto, o solo revelou-se estéril do ponto de vista arqueológico e patrimonial, apresentando uma série de recentes instalações de cabos de eletricidade e comunicações, assim como condutas e drenagens de águas.

### **Avenida Sá da Bandeira**

A Avenida Sá da Bandeira, anteriormente apelidada como Avenida de Santa Cruz, localiza-se no alinhamento da antiga Ribeira de Santa Cruz ou Ribela, entre a Praça da República, a nascente e Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes, cujo projeto se iniciou em 1906. Desintegrada da antiga Quinta de Santa Cruz, na sequência da desamortização dos bens do Clero no ano de 1839, comprada em 1885 pela Câmara Municipal de Coimbra. Delineada no final do século XIX, juntamente com um vasto projeto urbanístico que abarcou essa área da cidade nos anos seguintes, com a abertura de vários arruamentos, nomeadamente a Avenida Sá da Bandeira, Praça da República (anterior Praça de D. Luís), Rua Lourenço de Almeida Azevedo, Rua Tenente Valadim, Rua Oliveira Matos, Rua Castro Matoso, Rua Alexandre Herculano, Rua Venâncio Rodrigues, Rua Almeida Garrett e Rua de Tomar.

A partir de 1890 foram vendidos lotes de terreno junto desta via para construção de edificações com jardim e quintal. Do lado nordeste um equipamento cultural, inicialmente designado como Teatro-Circo do Príncipe Real, posteriormente perdeu a valência de circo e após a implantação da República passou a designar-se como Teatro Avenida, demolido para a construção do atual Centro Comercial Avenida. A ponte deste, no início do século XX, no ângulo com a Rua da Manutenção Militar, onde estava a central de incêndios, foi construída a Escola Central.

No lado sul, construiu-se a Estação dos Bombeiros (inaugurada em 1893), e da Inspeção de Incêndios, onde atualmente está instalada a Polícia Municipal, a Associação Comercial de Coimbra. Na parte superior, junto à Praça da República, entre a Rua Padre António Vieira e a Rua Oliveira Matos, em 1936 foram construídos o Ninho Infantil e um jardim infantil, onde atualmente está erigido, o Teatro Académico de Gil Vicente e alguns serviços da Associação Académica de Coimbra. Nesta Avenida estiveram ainda instaladas a



**Fig. 13** - Regularização do pavimento na Av.<sup>a</sup> Sá da Bandeira.



Delegação da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha. No início do século XX, construiu-se a ruína, encanando-se desta forma a antiga Ribela da Quinta de Santa Cruz. Na área Central do Jardim, em 1929 foi construído o Monumento aos Mortos da Grande Guerra (Loureiro, 1964).

Os trabalhos de regularização do pavimento decorreram na parte superior da Avenida Sá da Bandeira, nas artérias transversais da Avenida, com a substituição do tapete de betuminoso, existente frente às paragens dos transportes públicos dos SMTUC, por calçada de granito. Nessa conformidade, procedeu-se à remoção do dito tapete de betuminoso que assentava sobre uma base tipo macadame, não advindo afetação do subsolo (fig. 13).

### Rua Padre António Vieira

Inicialmente conhecida como Rua Entre-Muros, esta artéria teve várias denominações, sobretudo desde a sua remodelação no final do século XIX e meados do século XX. Após a extinção das Ordens Religiosas<sup>5</sup>, esta rua era parte integrante das matas do Colégio da Companhia de Jesus que foi cedida à Universidade de Coimbra em 1848, entretanto designada também como Rua do Cerco dos Jesuítas. Por sua vez, em 1864 a Universidade cedeu à Câmara Municipal o “bosque de loureiros” para se fazer uma rua de ligação entre a Couraça dos Apóstolos e a Rua de Entre-Muros, cuja parte superior situada a poente, assentou no sítio conhecido como “*cemitério Velho*”<sup>6</sup>. Em 1910, por deliberação camarária esta rua passou a denominar-se Rua Emídio Garcia<sup>7</sup>. Contudo, em 1912 a Câmara Municipal atribuiu-lhe o nome de Rua Abílio Roque, em homenagem ao antigo vereador, Abílio Roque de Sá Barreto<sup>8</sup>. Em 1942, por deliberação camarária alterou-se a denominação para Rua Padre António Vieira, baseada no facto de no antigo “bosque de loureiros”, onde foi construída esta rua, o Padre António Vieira<sup>9</sup> meditava e recriava longas meditações, durante o tempo que passou no



Fig. 14 - Regularização do pavimento na Rua Padre A. Vieira.

<sup>5</sup> Conforme consta da publicação do Decreto do Governo de 1834.

<sup>6</sup> Terreno em volta do cunhal noroeste do antigo colégio de Jesus, onde funcionaram as Faculdades de Medicina e Filosofia e onde esteve instalado o Hospital da Conceição (Loureiro, 1964:106). Atualmente ainda aí funcionam serviços das Ciências da Terra da Universidade de Coimbra.

<sup>7</sup> Homenagem a Manuel Emídio Garcia, que apesar de ter nascido em Bragança e ter falecido em Lisboa, formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, tendo deixado uma vasta obra impressa em livros, revistas e jornais (Loureiro, 1964:106-107).

<sup>8</sup> A re-denominação da Rua com o nome do vereador da Autarquia, provavelmente deve-se ao facto de se ignorar que para esta Rua já tivesse sido alvo de deliberação, por uso comum do nome corrente de Rua Entre-Muros.

<sup>9</sup> António Vieira, nasceu em Lisboa a 6 de fevereiro de 1608, frequentou o Colégio da Companhia de Jesus em Coimbra, vindo a falecer em Salvador da Baía, 18 de julho de 1697. Conhecido como Padre António Vieira, foi uma das mais influentes personagens do século XVII na qualidade de orador e diplomata, tendo-se destacado como missionário da Companhia de Jesus, no Brasil.



Colégio dos Jesuítas. Em 1944, incorporou ainda a antiga Trav.<sup>a</sup> Sá da Bandeira (Loureiro, 1964). Atualmente, estende-se da Av.<sup>a</sup> Sá da Bandeira à Couraça dos Apóstolos.

Os trabalhos desenvolvidos decorreram na parte inferior, junto à Av.<sup>a</sup> Sá da Bandeira, e a afetação do subsolo consistiu na substituição do pavimento do lado nascente junto à entrada da Associação Académica de Coimbra, pelo que não houve necessidade de acompanhamento arqueológico, uma vez que, nessa conformidade, a afetação do subsolo foi residual ou nula (fig. 14).

### Praça da República

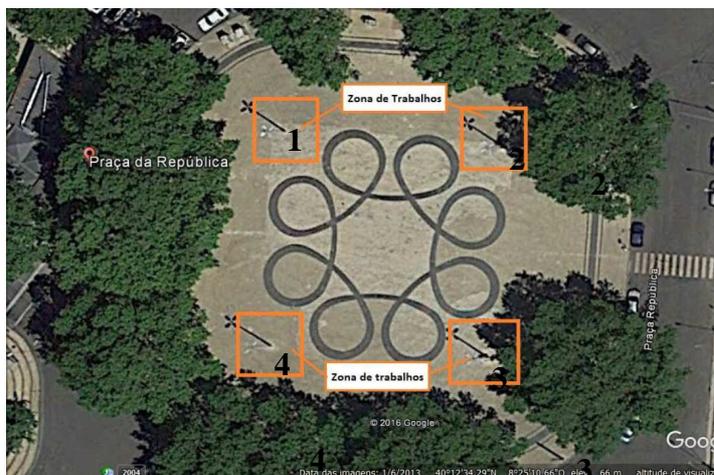


Fig. 15 – Áreas de trabalho da intervenção (Google Earth 1/6/2013).



Fig. 16 – Representação das covas.

A atual Praça da República integrava a antiga Quinta de Santa Cruz. Comprada pela Câmara Municipal, em 1885, a quinta foi transformada em diversos bairros da cidade e o Largo do novo Bairro, que corresponde à atual Praça da República, foi ainda no final da década de 80 do século XIX, designada como Praça de D. Luís<sup>10</sup>, após a morte do monarca. Em 1901, a Câmara mandou continuar a cobertura da ruína da Quinta de Santa Cruz, que se inicia junto à cascata situada a nascente do “jogo da pela” no Parque de Santa Cruz, *vulgo* Jardim da Sereia, e se encontra sob a Praça no sentido nascente/poente, prolongando-se em direção à Av.<sup>a</sup> Sá da Bandeira. A 20 de outubro de 1910, a Câmara alterou a designação para Praça da República (Loureiro, 1964).

Acresceu aos trabalhos previstos para as ruas envolventes da Praça da República, a substituição das colunas de iluminação pública da própria Praça (fig. 15). Os trabalhos consistiram na desmontagem das quatro colunas, e posterior instalação de 4 colunas novas, aproveitando-se a abertura da cova de remoção das anteriores. Com formato sub-circular com 1,40m (E/O), por 1,10m (N/S), e cerca de 1m de profundidade, apresentam placas metálicas e as respetivas espigas de fio de terra. Do lado norte, a cerca de 30 cm regista-se a presença de sinalização de infraestruturas pré-existentes com fita vermelha (fig. 16).

10 D. Luís, rei de Portugal, falecido em 22-10-1889.



Revelaram-se estéreis do ponto de vista do património arqueológico.

### Medidas de minimização

Os resultados dos trabalhos arqueológicos revelaram que estas áreas intervencionadas têm sido alvo de sucessivas intervenções ao longo dos tempos.

Ainda que em contexto de aterro, na vala efetuada na Av.<sup>a</sup> Emídio Navarro, registou-se a presença de material arqueológico e, embora não fosse expectável, de material osteológico humano e não humano. Assim, a dispersão e revolvimento do espólio arqueológico poderão registar-se noutras áreas envolventes. Salvaguardando-se o mencionado anteriormente, ressalva-se ainda que as áreas se encontram protegidas na planta de ordenamento – “sítios potencial arqueológico e imóveis de interesse patrimonial”, estando sujeita à avaliação de trabalhos arqueológicos conforme estabelecido no n.º 1 do artº 17 do regulamento do PDM em vigor e, inserido ainda na zona especial de proteção da universidade de Coimbra – Alta e Sofia, inscrita na lista do património mundial pelo Comité do Património Mundial (UNESCO), conforme consta do aviso nº 14917/2013 publicado no diário da republica, 2.<sup>a</sup> série - n.º 236 de 5 de dezembro de 2013.

Desta forma, propôs-se que futuras intervenções nestas zonas que prevejam a afetação do subsolo, sejam alvo de acompanhamento arqueológico, uma vez que, apesar de ter revelado contextos muito revolidos, foram efetuados em áreas muito reduzidas, não demonstrando deste modo a realidade geral das áreas adjacentes às zonas intervencionadas.

### Bibliografia<sup>11</sup>

- **Crubézy, E.** 1988. *Interactions entre facteurs bio-culturels, pathologie et caracteres discrets. Exemple d'une population médiévale: Canac (Aveyron)*. Thèse de Doctorat en Médecine. Montpellier: Université.
- **Crubézy, E.; Morlock, G.; Zammit, J.** 1985. Diffuse Idiopathic skeletal hyperostosis and enthesopathy in Medieval populations. *Clinical Rheumatology*. Philadelphia. 5: 2, 2-17.
- **Ferembach, D.; Schwidetzky, I.; Stloukal, M.** 1980. Recommendations for age and sex diagnoses of skeletons. *Journal of Human Evolution*, 9:517-549.
- **Finnegan, M.** 1978. Non-metric variation of the infracranial skeleton. *Journal of Anatomy*. 125 (1): 23-47.
- **Herrmann, B.; Grupe, G.; Hummel, S.; Piepenbrink, H.; Schutkowski, H.** 1990. *Praehistorische Anthropologie*. Berlin: Springer Verlag.
- **Loureiro, J.P.**, 1964 - *Toponímia de Coimbra*, Vol.s II, Coimbra.
- **Mantas, Gil Vasco**, 1992 – Notas sobre a estrutura urbana de *Aeminium*. *Biblos*. Revista da Faculdade de Letras. Vol. LXVIII. Coimbra. Policopiado

---

<sup>11</sup> Apresenta-se nesta lista apenas as referências bibliográficas utilizadas no artigo. Sugere-se a leitura do relatório na íntegra para obtenção da restante literatura consultada.



- **Nawrocki, S.** 1995. Taphonomic Processes in Historic Cemeteries. *In: Grauer, A (ed.). Bodies of Evidence.* New York. Wiley-Liss: 49-66.
- **Petiz, Paula,** 2002 – *Aeminium. A Ideia do Espaço na Cidade Romana*”, *Arquivo Coimbrão*, Vol. XXXV, Coimbra. Pp. 311-352.
- **Scheuer, L. e Black, S.** 2000. *Developmental juvenile osteology.* Academic Press. London.
- **Silva, A. M.** 1995. Sex assessment using the calcaneous and talus. *Antropologia Portuguesa*, 13:107-120.
- **Ubelaker, D.** 1974. *Reconstruction of demographic profiles from ossuary skeletal samples: a case from the Tidewater Potomac.* Smithsonian Contributions to Anthropology 18. Washington D. C.